

Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo.

Compreendendo os Outros

Por Dr. Roberto Assagioli

Quando procuramos descobrir o que causa os atritos e lutas que tanto perturbam e fazem sofrer indivíduos e grupos, percebemos que uma das principais causas está na falta de compreensão. Muitas palavras e muitos atos maléficos atribuídos à malvadeza e a desejo nocivo são, acima de tudo, devidos à falta de compreensão.

Todos nós, por nossa própria natureza, somos inclinados a desprezar e condenar o que não compreendemos e desta atitude crítica e negativa surgem facilmente preconceitos, presunções, antagonismos. Isto ocorre entre os indivíduos, entre as nações, entre as raças e, também, entre aqueles que, declarando-se religiosos, deveriam, mais do que os outros, dar exemplo de amor e fraternidade.

Exemplo típico desta atitude é oferecido pela palavra russa “*niemetz*” que designa os alemães. A significação originária desta palavra é “mudo”, e isto demonstra que os antigos russos consideravam como mudo um povo estrangeiro que não falava sua língua. Para nós, isto parece muito primitivo; mas, talvez, não praticamos alguma coisa semelhante quando consideramos “sem sentido” tudo o que não está de acordo com os nossos pontos de vista e quando não sabemos reconhecer a verdade se esta é apresentada com uma terminologia diversa da nossa?

A falta de compreensão, pois, não é nociva só enquanto torna hostil aquele que não compreende, mas ainda mais, enquanto faz surgir uma mais forte, uma mais aguda hostilidade, um áspero ressentimento naqueles que se sentem incompreendidos. Como diz Keyserling, “nada fere mais profundamente do que a incompreensão, eis que incompreensão significa negação da identidade do outro”.

Cria-se, assim, uma longa corrente de recíprocas incompreensões, de animosidades, de lutas, com todos os sofrimentos a que disto decorrem.

Mas, a falta de compreensão nem sempre está associada a antagonismo ou deficiência de simpatia; é curioso notar como possa coexistir com um amor intenso e apaixonado ou com o que realmente é assim chamado. O exemplo mais corriqueiro deste fato é oferecido pelas relações entre os pais (particularmente entre as mães) e seus filhos. Há pais e mães que amam ternamente seus filhos, que trabalham intensamente para eles, cumprem grandes e nobres sacrifícios e, não obstante, ao mesmo tempo não se dão conta do que acontece na alma de seus caros, não compreendem nada de suas verdadeiras e vitais necessidades. Este amor cego, freqüentemente, traz conseqüências nocivas, e por vezes desastrosas, tanto que se aqueles que se tornam seus causadores inconscientes pudessem dar-se conta do fato, ficariam aterrorizados. Trata-se de vidas mutiladas, de caracteres inibidos e pervertidos. Esse estado de coisas deve ser encarado corajosamente e

sem perda de tempo. Devemos decidir-nos a deixar de lado a velha idéia sentimental que o amor, de per si, seja bastante; devemos reconhecer que há várias espécies de amor, e que um amor cego, conquanto bem intencionado e pronto ao sacrifício, não nos impede de errar e causar mal à pessoa amada.

É necessário dar-mo-nos conta que o amor, para cumprir bem a sua missão, para ajudar e satisfazer quem dele é objeto, deve ser vidente, deve ser permeado de sabedoria.

Sem compreensão, pois, não se pode deixar de produzir danos. Entretanto, não devemos ser demasiadamente severos com aqueles que não compreendemos; devemos, antes, compreendê-los também! A compreensão integral de um outro ser humano está bem longe de ser coisa fácil; na realidade é, muitas vezes, coisa muito difícil. Todo indivíduo é uma complicada mistura de inumeráveis e dessemelhantes elementos que têm origens muito diversos, que existem em diversos níveis interiores e que agem e reagem uns sobre os outros, formando em cada pessoa uma combinação nova e única.

Além disso, nem todos os elementos que constituem os indivíduos que procuramos compreender são visíveis e, por assim dizer, “na superfície”; muitos deles estão profundamente submersos nos níveis subconscientes, e podemos deduzir sua existência somente através de manifestações indiretas e ocasionais. Mas, não basta; aquela combinação de elementos não é estática; novos elementos entram continuamente a combinar-se com os preexistentes, e enquanto outros destacam-se e outros, ainda, transformam-se através de um processo orgânico de desenvolvimento e transmutação. Deste modo, aquele ser humano que procuramos compreender com nossa mente, muda-se continuamente qual proteo diante de nosso olhar surpreendido.

E, uma vez que todo indivíduo represente um problema novo e único, também a solução do problema deve ser nova e única. Assim, todo indivíduo requer tratamento diverso. Para usar uma analogia matemática, a “fórmula psico-algébrica individual” exige, em cada caso, uma integração nova. É por isso, evidente que os conselhos estereotipados que, solicitados ou não, muitos estão sempre prontos a oferecer, são muitas vezes inoportunos e porquanto oferecidos com a melhor das intenções, podem confundir e desviar.

Contra a insidiosa doença do conselheiro demasiado fácil há um remédio muito eficaz: a leitura atenta, seguida de um sincero exame de consciência, das páginas em que Alexandre Manzoni delinea o tipo de Dona Praxedes no seu clássico romance “Os Noivos”.

A dificuldade de compreender e ajudar eficazmente os outros se torna ainda maior nos casos em que a pessoa da qual nos ocupamos está sujeita a “provações” e encontra-se num estado de obscurecimento interno. Nessa situação surgem freqüentemente do subconsciente muitos elementos psíquicos inferiores e indesejáveis. Entretanto, não há mal em verificar-se este afloramento, uma vez que, desta forma, aqueles elementos podem vir a ser melhor conhecidos, dominados e transmutados (aliás, este afloramento é provocado propositadamente nos doentes neuro-psíquicos por meio de métodos especiais psicoterápicos). Mas, esses períodos de crise tornam-se bastante penosos para aqueles que os sofrem e dão lugar a impressões errôneas, e injustas, nos que observam apenas as manifestações exteriores.

É nosso dever, por isso, aprender a reconhecer estes casos, abstermo-nos, mais do que nunca, de julgar e condenar.

Tudo o que dissemos com referência aos outros é verdadeiro, em grande parte, também relativamente a nós mesmos; também neste caso é necessária uma profunda compreensão que se apresenta, do mesmo modo, com dificuldades não menores. Se, quando se trata de nós mesmos, possuímos mais elementos, mais dados, entretanto, somos levados a julgar mais facilmente de maneira apaixonada e parcial. Enquanto somos levados a julgar demasiado desfavoravelmente os outros, temos tendência a ser muito indulgentes para conosco, encontrando toda classe de justificações e desculpas para nossas deficiências e nossas culpas. Há, porém, uma minoria que erra em direção oposta: pessoas atormentadas por um excessivo sentido de inferioridade, de culpa, de desvalorização própria, que as oprime e paralisa.

Vejamos, agora, com que meios podemos desenvolver e cultivar uma compreensão amorosa.

Grande ajuda pode ser dada pela psicologia e, sobretudo, pela nova *psicologia espiritual* que está despontando.

A ciência psicológica está atravessando grave crise: mas crise construtiva, laboriosa, para superar suas limitações. A existência de faculdades psíquicas supernormais, de poderes espirituais, de um “EU” Superior ou Alma, começa a ser aceita por alguns dos cientistas imparciais e de mentalidade mais aberta, e por muitos pensadores e estudiosos de todo o mundo. Começa a ser admitido que a intuição é um meio direto e genuíno de conhecimento: que a iluminação espiritual e a inspiração são fatos supernormais e não normais.

Temos, pois, de confiar que a existência da Alma, qual Realidade espiritual, permanente e independente, será admitida como um fato demonstrado, conquanto, por certo, não experimentado por todos. Este reconhecimento poderá ter conseqüências incalculáveis, transformando totalmente nosso comportamento para conosco mesmos e para com os outros.

De fato, se considerarmos a nós mesmos e aos outros como realmente somos, isto é, almas que procuram manifestar-se através de personalidades mais ou menos imperfeitas, cegas ou rebeldes; se reconhecermos que esta é a finalidade principal e mais imediata da nossa existência terrena; se, além disso, nós nos dermos conta que as almas não são entidades separadas e isoladas, mas acham-se unidas entre si com a *Super Alma*, tudo se transforma em nós e em volta de nós. Percebemos, então, e influímos, atrás de todo indivíduo, uma alma aprisionada, e nosso amor dirige-se naturalmente para ela; aí intuímos, atrás de todo indivíduo, uma alma aprisionada, e nosso amor dirige-se naturalmente para ela; aí percebemos quanto o criticismo, o desprezo e o antagonismo são fúteis e fundamentalmente errados e como a única coisa justa, boa, razoável, seja cooperarmos, de todo coração, com a alma alheia, permeando-a com nosso amor e procurando compreender seus problemas e suas lutas.

A unidade essencial de todas as Almas, entretanto, não exclui a diferenciação de qualidade entre elas, eis que pertencem elas e grupos e tipos diversos, cada qual refletindo e expressando uma ou outra das qualidades e atributos da vida divina. A esta diversidade entre as Almas acrescentam-se as grandes diferenças de constituição psicológica e fisiológica pessoais existentes entre cada um dos seres humanos e as devidas ao sexo, à nação, à raça de cada qual.

Todas estas diversidades são causa de inumeráveis incompreensões e conflitos. É preciso, pois, estudar aquelas diferenças de maneira serena e imparcial, para poder ter em conta sua natureza, sua origem, sua utilidade e, desse modo, chegar a compreender e apreciar toda qualidade humana, todo tipo psicológico, individual e coletivo.

Esse estudo é objeto de vários ramos da psicologia: a psicologia individual e “diferencial”, chamada também “caracterologia”, a “psicologia dos sexos”, a “psicologia étnica” e “interindividual”.

São ciências ainda em formação, mas que já podem fornecer elementos úteis.

Mas, para compreender profundamente os outros, “do interior”, por assim dizer, não basta um estado apenas objetivo e analítico; é preciso usar a intuição e a “integração” espiritual. Com esta consegue-se, em algum momento, viver verdadeiramente a vida de uma outra pessoa, torna-la própria e, por isso, senti-la e compreende-la plenamente, amorosa e fraternalmente.

Esta identificação espiritual é, todavia, bem diferente daquela passiva e emotiva que ocorre muitas vezes entre pessoas que se amam apaixonadamente; esta é cega, absorvente, exclusiva, exigente; a primeira, ao contrário, é clarividente, desinteressada e sem qualquer “agarramento”.

Os efeitos da compreensão amorosa são extraordinariamente benéficos. Ela é *criadora* qual vívido e quente raio de sol, provoca o desenvolvimento e a expressão interior daqueles aos quais é dirigida e em quem penetra com seu influxo sublime e poderoso. Ela alcança diretamente sua parte mais verdadeira e melhor: a Alma.

Quem se sente compreendido deste modo, abre-se, floresce e, às vezes, transforma-se quase radicalmente. Sua atitude anterior, endurecida, contraída, de defesa, relaxa-se; sua vida profunda alcança naturalmente a superfície e, assim, o indivíduo dá-se conta ao mesmo tempo – tanto de suas insuspeitas possibilidades, quanto da mesquinhez e vacuidade de seus “dotes” pessoais, das quais costumeiramente tanto nos comparamos.

Assim é que, não raro, uma pessoa encontrando-se com alguém por quem sente-se compreendida “amorosamente” espontaneamente confessa suas próprias deficiências e seus “pecados” e manifesta apreciações de si mesma, das quais ter-se-ia asperamente ofendido se emitidas por outrem, de maneira crítica e admoestadora.

Este imenso poder do bem da “Compreensão Amorosa” deveria suscitar em nós um acendrado propósito de adquiri-la e, para esse fim, como para outras conquistas espirituais, cumpre-nos efetuar duas coisas: cultivar diretamente aquelas qualidades, e eliminar os óbices que impedem ou tornam difícil o seu desenvolvimento em nós. Por isso devemos esforçar-nos por cultivar, de um lado, a intuição, a simpatia, a visão espiritual e, de outro, o desinteresse, o esquecimento e o desapego.

Consequiremos, assim, compreender e amar os nossos “irmãos em humanidade” com um amor sábio, um amor generoso, um amor que deixa espiritualmente livre tanto quem dá, como quem recebe.
